



## V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA

maio de 2007

Rádio Nove de Julho e o apóstolo hertziano  
(trabalho submetido ao Núcleo de Rádio)

João Batista de Abreu\*

Universidade Federal Fluminense

**RESUMO:** A trajetória da Rádio Nove de Julho, vinculada à Arquidiocese de São Paulo, e a luta pela defesa dos direitos humanos durante o regime militar. O episódio da cassação da concessão no Governo Médici, em 1973, e a volta ao ar em 1999. Entrevista inédita com D. Paulo Evaristo Arns, cardeal emérito de São Paulo.

**Palavras-chave:** Nove de Julho, direitos humanos, comunicação popular, Paulo Evaristo Arns

O regime militar que ocupou o poder no Brasil entre 1964 e 1985 exerceu com rigor o controle sobre os meios de comunicação social, sobretudo nos governos dos generais Emilio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979). O objetivo era evitar que decisões políticas anti-populares, erros de gestão, corrupção, arbitrariedades e a suspensão das garantias individuais se transformassem em bandeiras da oposição, principalmente daquela que havia posta na clandestinidade. Nem mesmo a epidemia de meningite que se abateu sobre São Paulo em 1974 escapou da censura, contribuindo para aumentar ainda mais o número de vítimas pela falta de informação sobre os sintomas da doença. O rádio foi obrigado a abrir mão de uma de suas principais missões: o serviço de utilidade pública.

Por serem concessões da União, o rádio e a televisão estavam mais vulneráveis a sanções do poder público. Como um veículo predominantemente popular, é de se supor que as atenções dos órgãos de controle se voltassem para as emissoras radiofônicas, sobretudo

para aquelas que mantinham programas ao vivo, com depoimentos, entrevistas ou conversas dos comunicadores com os ouvintes.

Um exemplo marcante de microfone que permaneceu aberto a críticas contra arbitrariedades foi a Rádio Nova de Julho, da Arquidiocese de São Paulo. Criada em 1953, um ano antes das comemorações do 4º centenário da cidade de São Paulo, a emissora só passou a operar oficialmente a 2 de março de 1956, através de concessão autorizada pelo presidente Juscelino Kubitschek. Transmitia em duas frequências: 540 kHz em ondas médias, cobrindo o Estado de São Paulo, e em ondas curtas, na faixa de 49 metros, o que permitia alcançar a maior parte dos estados brasileiros e alguns países vizinhos.

Em 1973, durante o Governo Médici, a Nove de Julho teve sua renovação negada pelo Ministério das Comunicações e foi obrigada a suspender suas transmissões a 5 de novembro daquele ano. Seus transmissores foram lacrados pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), órgão vinculado ao Ministério das Comunicações. O Governo não forneceu explicação formal para a suspensão da concessão.

Dom Paulo Evaristo Arns, na época cardeal arcebispo de São Paulo e hoje cardeal emérito da cidade, atribui a decisão de Médici ao comportamento de setores da Igreja na denúncia da tortura a presos políticos. Vale lembrar que a Rádio Nove de Julho não possuía programas de denúncias, mas transmitia os sermões do cardeal Arns na missa de domingo na Catedral da Sé.

– A consciência de que nós nos opúnhamos ao Governo nasceu de minhas visitas aos presos políticos e do meu interesse em reclamar contra o desaparecimento. Eu cheguei a ir de duas a três vezes por semana ao comandante da Segunda Região Militar, levando nomes e fatos através de gente que trabalhava lá dentro. E isso, é evidente, incomodava o Governo. Mas nós nunca fizemos da rádio um veículo para denunciar atos do governo. Desde que eu entrei (na arquidiocese) em 1970, não me lembro de nenhuma denúncia ou acusação que eu tenha feito através da rádio, a não ser a transmissão de meus sermões da catedral, que eram sempre sermões defendendo a liberdade do povo e exigindo justiça social."

Com a redemocratização do país em 1985, Dom Paulo Evaristo engajou-se numa luta para recuperar a rádio Nove de Julho para a Arquidiocese de São Paulo. Depois de 14 anos de negociações, estudos técnicos e autorizações, a emissora voltou ao ar em março de

1999 em caráter experimental, transmitindo a partir dos estúdios da Freguesia do Ó, na frequência de 1.600 kHz, com potência de 100 kw durante o dia e 20 kW no período noturno. E em 23 de outubro do mesmo ano a emissora é reinaugurada formalmente, com autorização da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e sob a responsabilidade da Fundação Metropolitana Paulista.

A seguir, os principais trechos de uma entrevista inédita concedida por Dom Paulo Evaristo Arns, em novembro de 2001, no convento de São Francisco, no centro de São Paulo. Foram apenas 30 minutos de uma conversa que nos ajuda a recompor alguns episódios da história recente do País.

**Mais de 30 anos depois, qual a avaliação que o Sr faz hoje do papel do rádio nesse processo de evangelização, dessa Igreja que faz a opção pelos pobres**

Cardeal Arns: Trinta anos atrás, a rádio católica era praticamente escutada pela classe pobre. A classe rica escuta rádio no carro e em círculos especiais, mas pouco se importava com o rádio porque já estava entrando a televisão. Então a nossa Rádio 9 de Julho tinha repercussão até na Amazônia e no Rio Grande do Sul. Lembro-me bem de uma história contada pelo professor Donato, grande jornalista. Uma vez ele viajava e o carro encencou lá no Rio Grande. Ele teve que pedir auxílio e viu uma luz. Foi naquela direção e encontrou lá uma família rezando o terço. O pai disse: "O sr espera acabar o terço que nós vamos atender. Nós estamos rezando junto com o cardeal (Arns). Quando ele disse que era meu amigo, recebeu a seguinte resposta: 'Então tudo o que tem aqui está à sua disposição'. Eu recebi (cartas) da Amazônia, do Rio Grande e também da Suécia. Naquele tempo era muito mais fácil ter uma dimensão mais ampla do rádio do que nos dias de hoje. A Rádio Nove de Julho para nós era a essência da comunicação com a cidade inteira. Ninguém pode comunicar-se (pessoalmente) com 10 milhões de pessoas, que já era naquele tempo, muito menos com os 18 milhões como era hoje. Não a Rádio 9 de Julho representava a nossa comunicação diária, religiosa e também de formação religiosa do povo.



Podemos dizer que quando a rádio foi cassada pelo Governo Médici, em 1973, eles nos tiraram das mãos da Igreja a possibilidade de continuar a conversar com o povo, ouvir o povo e também transmitir ao povo. Agora ela nos foi restituída, nos estamos recomeçando, mas hoje é muito mais difícil porque as coisas se complicaram, embora eu fale duas vezes por dia. No primeiro dia, eu recebi uma mensagem e hoje eu recebo mais de 100 por dia, porque o povo quer se comunicar.

### **O S. se lembra quantas mensagens recebia nos anos 70?**

Arns: É quase impossível imaginar porque o povo ocupava o telefone o dia inteiro, para agradecer, falar, comunicar, pedir. O povo em 1970 já estava um pouco inibido, depois do Ato Institucional número 5, que veio em fins de 1968. Em 1970, quando eu comecei como arcebispo, eu já estava impedido de falar coisas que atingissem de alguma forma o Governo.

### **A rádio Nove de Julho surge nos anos 50. Antes do senhor, ela já cumpria esse papel de denúncia de desrespeito aos direitos humanos?**

Arns: De fato nós nunca fizemos da rádio um veículo para denunciar atos do governo. Quando eu entrei em 1970, nós já não tínhamos nenhuma possibilidade e não me lembro de nenhuma denúncia ou acusação que eu tenha feito através da rádio, a não ser a transmissão de meus sermões da catedral, que eram sempre sermões defendendo a liberdade do povo e exigindo justiça social.

### **A Rádio já cumpria esse papel antes?**

R; A Rádio propriamente nunca pôde cumprir esse papel porque foi a primeira a ser aprisionada. Foi presa. Tudo o que saía pela rádio era controlado e tudo o que saía publicado pelo jornal O São Paulo era revisto por um (censor), estudante da faculdade um futuro médico, que riscava os nomes Paulo Evaristo, Helder Câmara e o nome do papa.

Então nós não podíamos transmitir absolutamente nada pelo rádio. A rádio foi estrangulada. Talvez a maior mutilação em relação às comunicações.

### **O Sr. pode recordar detalhes do episódio da cassação da rádio, em 1973?**

Arns: Ah, eu me lembro como se fosse hoje. Recebi do Dentel, órgão responsável, um telefone dizendo: "olha nós acabamos de rever toda a documentação que o Sr. mandou a respeito da rádio Nove de julho, e eu devo dizer: 'foi a mais perfeita' Não há nenhum perigo de cassação da rádio porque não há nenhum defeito, nenhuma coisa que possa incriminar a rádio Nove de Julho'. Recebi este telefonema do diretor do Dentel na cúria Metropolitana. E eu naturalmente comentei com os colegas como uma notícia boa, porque a gente temia que a revolução, e depois o Ato Institucional número cinco, fosse mais longe do que a razão podia imaginar. Esse telefonema aconteceu 15 dias antes de ela ser cassada. De repente veio a notícia da cassação em novembro de 1973.

Foi exatamente no dia 1º de novembro que eu fiz o último sermão na catedral e um protesto solene com todos os padres e todos os religiosos presentes. A catedral superlotada e eu dizendo: 'agora é a última vez que eu vou poder falar na Rádio Nove de Julho. Isso foi uma imposição de um governo que não tem o direito de fazer isso, e eu faço meu protesto. Eu quero que a rádio, como última palavra, leve o protesto de toda a população de São Paulo. E aí houve então um aplauso enorme na catedral de apoio a essa reclamação. De fato, quatro dias depois, ela foi fechada, lacrada e desapareceu.

Então eu fui ao Adroaldo Mesquita lá no Rio, um grande advogado e deputado também, perguntar qual o processo que eu poderia fazer. E ele me disse: 'todo processo será perdido. É inútil fazer o processo'. Consultei outros advogados, que disseram a mesma coisa. Mas o senador Franco Montoro achou que devia protestar junto comigo e nós fizemos um processo contra o governo. Perdemos. Depois publicamos a sentença do juiz contra nós no jornal *O São Paulo*.

Em 15 de março 1985, no dia mesmo que tomou posse o presidente Jose Sarney, no lugar do presidente que morreu (Tancredo Neves), eu estava pertinho dele, como cardeal, e no



momento que terminaram os cumprimentos, eu fui lá e disse pra ele: 'Senhor presidente, eu vou lhe fazer o primeiro pedido como presidente da República, restitua a Rádio Nove de Julho ao povo de São Paulo, porque senão o Sr. nunca vai ter a simpatia daquele povo. Essas palavras já tinham sido ditas a mim espontaneamente pelo general Golbery do Couto e Silva: 'nós nunca teremos a simpatia do povo de São Paulo se não restituirmos a rádio'. Ele não conseguiu restituí-la porque o Ernesto Geisel não permitiu.

Na época do governo Sarney, o ministro das Comunicações era o ACM, que me ofereceu duas rádios pequeninas (uma delas em Cotia), que não cobririam nem a metade da cidade de São Paulo. Eu não aceitei por dois motivos: primeiro seriam caríssimas para serem administradas e depois não cobriam nem a cidade de São Paulo.

Eu próprio telefonei para o ACM e disse que não podia aceitar uma rádio pequenina em troca de uma que alcançava naquele tempo o Brasil de Norte a Sul. O Sarney não deixou de atender ao pedido, mas não concedeu aquilo que era justo, isto é, aquilo que tinha sido roubado.

Esperei até a vinda do Fernando Henrique Cardoso, com quem eu trabalhei uns 10 anos ou mais aqui em São Paulo no Cebrap. Eu ajudei a salvar da morte por tortura alguns membros do Cebrap. E ele me devolveu espontaneamente a rádio. Em si a potência da rádio atualmente é até um pouco maior, mas quem entende de rádio sabe que São Paulo hoje está todo crivado de transmissores, de maneira que é muito difícil ter hoje uma rádio com o alcance que tinha a Nove de Julho nos anos 70.

### **Como nasceu este trabalho de comunicação?**

Arns: O Sr sabe que desde jovem eu trabalhei na comunicação. Minha tese na Sorbonne foi sobre a técnica do livro na Antiguidade. Eu sempre escrevi. Tenho 48 livros publicados com este aqui sobre a mesa (*D. Paulo Evaristo Arns, Da esperança a Utopia – testemunho de uma vida, Sextante, 2001*). Eu sempre me comuniquei. Também pelo rádio em Petrópolis eu me comunicava. Em todo lugar onde estive eu procurava a comunicação de uma forma ou outra. De maneira que onde eu chegava também as pessoas procuravam



buscar formas que eu me manifestasse de alguma maneira, sabendo do meu interesse e do meu trabalho na Editora Vozes, como redator de revistas e como jornalista. Eu trago sempre comigo minha carteira de jornalista da ABI (Associação Brasileira de Imprensa – carteira número 309, matrícula 839, categoria isento). Sou isento por ter pago por mais de 35 anos.

Sou formado pela Sorbonne em Letras e História, mas como tratava de comunicação eu montei uma equipe em Petrópolis, que se formou por correspondência em Comunicação em várias faculdades. Nós tínhamos um boletim semanal, que mandávamos notícias para 500 rádios e jornais no Brasil, coisas frescas e formuladas de maneira jornalística, a ponto de eles não precisarem remodelá-las. Isso eu fiz durante 10 anos, de 1955 até 1966. Até ser bispo. Essa equipe trabalhava com correspondentes em Pernambuco, Rio Grande do Sul, em todo lugar. Telefonávamos e mandávamos notícias.

O CIEC (Centro de Informação Eclesiástica Católica) aqui em São Paulo sempre publicava tudo o que eles censuravam em *O São Paulo*. No jornal nós deixávamos o espaço em branco e publicávamos (no boletim do CIEC) seguindo aquela mesma orientação, de maneira que todo mundo podia saber o que era um artigo informativo, um artigo do arcebispo. Mandávamos isso para todas as paróquias, deixávamos mesmo debaixo das portas das casas para as pessoas saberem as notícias que tinham sido vetadas pelo censor, que ficava junto à máquina que imprimia.

### **Como acontecia com o *Estado de São Paulo* e o *Jornal da Tarde*?**

Arns: É, mais ou menos. Pra nós era mais rigoroso, porque quando eles tiraram a censura do *Estadão* – aliás eu negocieei com o Golbery – o Geisel disse mas *O São Paulo* não vai receber esse favor, não, e deixou *O São Paulo* sob censura por mais tempo. Sobre isso, existe uma tese defendida em Roma, na Itália, pelo atual diretor do *São Paulo*, o padre Aparecido.

### **Como o Sr. vê esse papel de aproximação desempenhado pelo rádio entre a Igreja e o ouvinte?**



Arns: Acho que é talvez a maneira moderna de agir do apóstolo São Paulo. Ele que foi o maior promotor do evangelho depois de Cristo. Levou o evangelho para todas as partes do mundo, mas falando. Hoje nós temos que levar para toda parte onde pudermos com rede de comunicações. Assim temos a rede Aparecida, que transmite as coisas mais importantes para o povo na linguagem do povo.

**O Sr. vê alguma semelhança entre a atuação das rádios católicas e a estratégia dos jesuítas nos séculos XVI e XVII?**

Arns: Nossa preocupação é a mesma e talvez até mais profunda. Eu, por exemplo, falo uma vez por dia (na rádio) e o programa é repetido, sempre respondendo a perguntas de ouvintes. E são 40, 50, 60 perguntas que vêm. A redatora escolhe e eu cada dia respondo uma pergunta, mas não apenas sim ou não, mas fazendo toda uma exposição sobre o assunto que é abordado pelo ouvinte, para ser uma espécie de conversa, catequese. Eu tentei ir ao próprio estúdio, mas perdia a tarde inteira. Então eu faço a gravação em minha casa, mas eu escuto a voz do ouvinte. Ouço a pergunta dele, e todos os dias respondo uma. Todos os dias, menos aos domingos. As perguntas são gravadas e transmitidas para mim. Ao ouvi-la sei mais ou menos se é uma pessoa de idade, se é uma pessoa jovem, se é culta, ou menos dotada, e procuro me adaptar ao ouvinte para falar com ele.

**Que critérios o Sr. usa para avaliar o perfil do ouvinte?**

Arns: Em primeiro lugar, eu tenho uma muito boa jornalista, que recebe os telefonemas e já satisfaz em parte a quem telefona. E depois manda gravar uma pergunta para mim. Ela me manda por escrito a pergunta e oralmente também. Dessa maneira eu tenho a forma de o povo se exprimir, de o povo pensar e perguntar. Porque vêm perguntas bastante sérias, como por exemplo qual o significado hoje em dia do advento, ou perguntas do tipo 'Eu posso participar das festas de Cosme e Damião'? Posso avaliar o conteúdo pela linguagem, mas também pela própria voz. Sinto a ânsia ou a liberdade de ela se comunicar.



### **Quando o Sr. procura conhecer seu interlocutor, pensa no conceito de público-alvo?**

Arns: Estou pensando em todos aqueles que estão no mesmo nível cultural daquele que me pergunta e aí procuro responder daquela forma, mais solta ou mais bem formulada, para a pessoa se sentir à vontade, e aquelas pessoas que têm o mesmo nível poderem se aproximar, ouvir e gostar.

É sempre uma resposta para o público em geral, mas falo individualmente. Falo você, às vezes digo senhora, quando vejo que ela tem idade, ou quando tem alguma pretensão de ser respeitada de maneira especial pela rádio. Trato da maneira como eu acho que se deve tratar uma pessoa que se apresenta espontaneamente para fazer perguntas.

### **Esse tipo de conduta aumenta a eficácia da mensagem?**

Arns: Não tenha dúvida nenhuma, porque o pessoal tem aumentado numa proporção incrível e depois, em segundo lugar, esse pessoal começa a perceber que pode fazer as perguntas mais simples e aquelas que são talvez mais populares na periferia de São Paulo e de outras cidades.

### **Na sua opinião, entre os vários meios de comunicação qual o mais eficaz?**

Arns: A televisão talvez seja mais eficaz para as pessoas de maior cultura, mas para as pessoas que realmente se interessam pelas coisas, que devo dizer que a linguagem simples e a maneira de responder no mesmo tom e com a mesma linguagem leva nosso povo a aceitar melhor as coisas e também a voltar muito mais para as coisas essenciais à religião, porque no começo as perguntas todas diziam respeito a coisas materiais, e agora as coisas se voltaram para o lado espiritual até com certa intensidade. Então as duas coisas, tanto o bem estar físico, quanto o espiritual.

### **Saber explorar a voz também seria um fator importante?**



Arns: Eu posso lhe dar uma prova concreta. Um dia eu estava no banco de trás de um táxi em Brasília e perguntei ao motorista: 'O Sr. é capaz de me levar ao aeroporto? Aí o homem voltou-se para trás e exclamou: 'Dom Paulo, o Sr. está aqui no meu táxi!?' Perguntei 'de onde o Sr me conhece?' 'Da rádio, porque toda noite, antes de dormir, eu escuto rádio com minha família. Eles me esperam em casa e dizem: o bispo ainda não falou. Quando o bispo falar, nós podemos falar e ir dormir. Porque no fim eu rezava o Pai Nosso e dava a benção. Então a voz realmente prende ou afasta a pessoa. É muito importante'.

### **Em que circunstância a voz afasta o ouvinte?**

Arns: Ela afasta sempre que a pessoa não é religiosa, quando não quer saber de um religioso falando. Mas eu me orgulho de ter conquistado uma porção de pessoas que nunca quiseram saber de religião, mas começaram a se interessar por causa da conversa com o povo. Acharam que um cardeal arcebispo falando com o povo mostra que ele realmente ama o povo, senão não faria. Eu não ganho nada por isso, nada, nada.

### **O Sr. ouvia rádio quando criança, em Santa Catarina?**

Arns: Pouco. Naquele tempo o rádio era mais ruído do que palavra. Então a gente tinha pouquíssimo interesse. Eu comecei a interessar-me durante os tempos em que estudava Filosofia, de 1950 a 1953. Aí comecei a interessar-me. Já ouvia jogos de futebol, alguma coisa assim. Porque as nossas rádios, por maiores que fossem os receptores nos seminários, sempre foram difíceis de ouvir.

### **Havia intercâmbio entre rádios religiosas com rádios de outros países nos anos 70?**

Arns: Nossa comunicação era sempre com jornalistas da BBC, da American Press, gente de grande confiança, que eu reuni uma vez longe de São Paulo, para falar em *off*.



E obtive a garantia de que eles transmitiriam tudo exatamente como foi, sem enfeites, e que eles seriam fiéis nas horas difíceis do Brasil. Era sempre uma comunicação objetiva. Não tinha sentido religioso. Tinha sentido humano, humanista.

**Que ligação o Sr. vê entre a Teologia da Libertação, a chamada Opção pelos Pobres e a comunicação praticada por setores da Igreja?**

Arns: Era muito profunda, porque de fato quem mais sofria em tudo isso era sempre o pobre, porque não aumentavam os salários. Daí aquela grande greve em São Paulo, que nós apoiamos, emprestando nossas salas para que se reunissem, levando caminhões de mantimentos a Santo André. Podemos dizer que o povo colaborou com os pobres, sendo incentivado pela Igreja. E isso era uma libertação, porque eles podiam manifestar-se e saber que eles tinham a retaguarda segura.

**De que forma a Nove de Julho contribuiu para enfrentar o regime militar?**

Arns: Embora a rádio tenha sido muito manietada e presa, até torturada de todos os modos, a rádio sempre procurou uma linguagem tal que o povo entendesse o que estava se passando. Isso foi muito importante para a Teologia da Libertação, para que todo mundo estivesse livre para lutar em pequenos grupos e libertar-se assim da escravidão.

\* João Batista de Abreu é professor associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a tese "Rádio e formação de mentalidades – testemunha ocular da guerra psicológica"

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Arns, Paulo Evaristo. D. Paulo Evaristo Arns, da esperança à utopia – testemunho de uma vida, São Paulo, Sextante, 2001

<http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/radio9dejulho/histórico/htm>